

PsittaScene n. 30, Verão de 2018

Traduzido por André Becker Saidenberg

Sumário

- 4 Mensagem da Editora - Desi Milpacher
- 5 Cacatua de crista amarela – Uma tendência cheia de esperança em uma importante população
- 10 Encontrar antecedentes – Uma abordagem positiva para solucionar problemas de comportamento
- 12 Voando pelos céus uma vez mais – Resultados encorajadores na reintrodução e Araras-piranga na Reserva los Tuxtlas, México
- 18 Ecoturismo – Viagens sustentáveis apoiando a conservação
- 22 PsittaNews – Notícias e Updates, Contatos do WPT
- 24 Psitacídeos na natureza – Araras-piranga

Nas capas

Araras azuis (*Anodorhynchus hyacinthinus*) examinam uma cavidade de árvore no Pantanal, Brasil. O casal foi visto durante uma expedição e ecoturismo Wild Parrots Up Close. Foto © Corey Raffel

As companhias de ecoturismo baseadas em comunidades se tornaram uma maneira mais responsável de se viajar ao proporcionar fonte de renda e incentivo para os povos locais conservarem a vida selvagem. Leia mais sobre psitacídeos e ecoturismo na página 18.

Mensagem...do escritório da Editora

Nessa edição, celebramos os sucessos que diversas organizações têm obtido com a restauração de psitacídeos nas áreas de ocorrência natural. Temos apoiado muitos desses projetos e observando com grande alegria que as aves soltas começam a agir de maneira normal novamente ao forragear, voar, socializar e procriar.

Também vemos que existem motivos para sentir-se encorajado por alguns dos mais ameaçados psitacídeos – Cacatuas de crista amarela nesse caso – e descobrir que existem populações relativamente estáveis, e que com proteção adequada podem continuar desse modo.

Exploramos a ideia do ecoturismo responsável como uma maneira sustentável de se encorajar a conservação local, tal como visto através da lente de um amigo do WPT de longa data. E aprendemos que nossos companheiros psitacídeos de estimação podem ser direcionados para se comportarem de maneiras menos destrutivas através de uma mudança positiva no seu ambiente onde vivem.

Com vocês, nossos firmes parceiros, o WPT tem sido capaz de auxiliar esses projetos e ver resultados encorajadores em muitos destes. Leia mais e veja o bem que suas contribuições tem feito.

Desi Milpacher, - Editora de publicações do WPT

Cacatua de crista amarela: Uma tendência cheia de esperança para uma importante população

Artigo e fotos por: Oka Dwi Prihatmoko, DVM, Mehd Halaouate,

A criticamente ameaçada Cacatua de crista amarela (*Cacatua sulphurea*) é um do psitacídeos mais raros do mundo. A sua população mundial, tendo sido dizimada por forte captura nos anos 70 e 80, é de menos de 200 indivíduos.

Os relatos do comércio internacional mostram que mais de 190.000 Cacatuas de crista amarela foram capturadas na Indonésia entre 1981 e 1992, com muitas mais morrendo antes de chegarem aos locais de venda.

Hoje em dia, estão extintas em muitas das ilhas onde anteriormente eram encontradas e são raras em outras. Somando-se a pressão crônica de captura, essas cacatuas são afetadas pela contínua perda de habitat. Quase três quartos da floresta original do país foram perdidas devido ao desmatamento em grande escala e agricultura.

A notícia não é de totalmente deprimente: Apesar de que a espécie como um todo tem sofrido uma perda tremenda, existem sinais de pequenos aumentos em algumas ilhas.

Temos conduzido pesquisas e feito trabalho em campo com as cacatuas já há vários anos. Determinando a população remanescente dessas aves tem sido um desafio, já que algumas subespécies ainda sobrevivem em ilhas remotas fora dos roteiros conhecidos, que são um pouco difíceis e perigosas de serem alcançadas.

Dos relatórios de campo sabíamos que deviam haver mais populações dessa espécie em algum lugar e que ainda não havíamos encontrado. Também sabíamos que os maiores números, 695 aves, são da subespécie *parvula* nas ilhas Komodo e Rinca. Esse grupo tem se beneficiado muito da proteção governamental que o Dragão de Komodo (*Varanus komodoensis*) tem recebido, assim como a proibição nacional da captura de cacatuas.

Em 2016 recebemos notícias de que ainda haviam algumas poucas cacatuas sobrevivendo em Moyo, uma pequena ilhota ao norte de Sumbawa na província oeste de Nusa Tenggara. Frequentemente não temos muita esperança até que determinemos as populações por nossa própria conta, mas eram notícias potencialmente boas já que achávamos que as capturas haviam exterminado a espécie nessa ilha.

A presença de outros psitacídeos tais como Lóris (*Trichoglossus forsteni*) de Sumbawa nos mercados de aves de Bali e Java sugeriam que a captura ainda era frequente. Esses Lóris tem sido oferecidos para venda por tão pouco quanto 19 dólares. As cacatuas alcançam um preço maior, entre 120-230USD, portanto os traficantes não perdem a chance de capturar algumas e obter mais dinheiro.

O plano para nossa viagem de 2017 era fazer nova busca na Ilha Moyo para comparar com a contagem feita pela Agência de Conservação da Natureza da Indonésia (BKSDA). Em 2016 eles encontraram 115 aves na Ilha Moyo e 30 aves na Ilha Sumbawa, para um total mínimo populacional de 145 na província do Oeste de Nusa Tenggara. E devido a que captura ilegal de cacatuas ainda deve estar ocorrendo, planejamos esforços educacionais em vilas selecionadas por terem algum nível de atividade de captura.

Uma vez que finalmente chegamos em Moyo começamos a analisar a área com uma dupla de guias locais experientes que haviam contado as cacatuas antes junto à BKSDA.

Conduzimos buscas com duas equipes, uma trabalhando a partir de um barco para identificar aves nas árvores dentro de 100m a partir da margem, e uma segunda equipe caminhando que iria entrar na floresta buscando por locais de dormitório e ninhos.

Os dois times permaneceram em contato pelo rádio. Não existem estradas pavimentadas na Ilha Moyo, portanto a equipe de terra dependeu primariamente das trilhas existentes e estradas de terra para acesso, e abriram caminho para chegar até as áreas possíveis de ninhos e dormitórios.

Contando cacatuas e aprendendo sobre métodos de captura

Nós reportamos um mínimo de 95 Cacatuas de crista amarela, sendo o maior grupo (76 aves) vivendo na parte oeste da ilha. Um adicional de 19 aves foram contadas nas porções sul e sudeste da ilha.

Os números entre 2016 e 2017 mostraram que a população em Moyo está relativamente estável, uma grande melhora de uma pesquisa em 1999 conduzida pela Birdlife international que encontrou apenas 10 aves.

O aumento de mais de 100 aves agora, 18 anos mais tarde, é provavelmente um resultado de proteções dedicadas à espécie em 1993 e seu aumento na categoria de ameaça de extinção pela CITES em 2005. Porém, infelizmente o tráfico ainda ocorre. Em campo, encontramos evidência – uma árvore com ninho e um característico padrão de escada no tronco, e em um grande galho os restos de um aparato de gancho que estava pendurado perto da cavidade do ninho. Área ao redor da base da árvore foi desmatada e o solo estava polvilhado com papel descartado que é comumente utilizado com wraps de arroz, os restos do almoço de um traficante.

Mais tarde, entrevistamos um coletor de mel que vivia na ilha. Ele nos contou que além de buscar pelo doce prêmio ele também havia retirado filhotes de cacatua para dar para parentes na ilha principal de Sumbawa.

Ele também disse que outros coletores de mel algumas vezes viam cacatuas em ninhos bem adentrando na floresta. Isso nos levou a crer que eles podem também se tornar traficantes.

E se eles realmente capturam cacatuas, onde as aves são levadas? Pelo que se sabe não existem mercados de aves nas ilhas Moyo ou Sumbawa.

As aves capturadas ali provavelmente chegam aos seus destinos em Bali, nas Filipinas ou Singapura. Visitamos os mercados em Bali e Lombok procurando por cacatuas para vender e não encontramos nenhuma. Isso pode ser esperado devido às multas pesadas que seriam aplicadas se um vendedor fosse pego.

É provável que as aves são capturadas e vendidas “sob encomenda”, portanto não existe propaganda ou comercialização envolvida. Devido a essas descobertas, sabíamos que tínhamos que aumentar nossos esforços para ajudar a proteger as cacatuas aqui.

Afetados por cortes de orçamento, o departamento florestal urgentemente necessita de ajuda para mais programas direcionados a proteger as cacatuas. Eles já foram bem-sucedidos em contratar alguns dos ex-traficantes para começar a proteger ao invés de retirar as aves. Agora precisam começar a educar mais as pessoas, especialmente as crianças.

Um obstáculo que encontramos era que muitos Sumbawanenses acreditavam que a Cacatua de crista amarela estava já extinta em Sumbawa e nas áreas circundantes devido à erupção cataclísmica do Monte Tambora em 1815, que destruiu muito da flora e fauna da ilha. Outra hipótese era de que as cacatuas haviam sido completamente capturadas não sobrando nenhuma nas florestas.

Começamos campanhas de conscientização em escolas primárias das duas vilas, Limung e Marente, em Sumbawa. Na vila Marente, perto do Santuário da Natureza de Jerewah, ainda existem pequenos grupos de cacatuas ao redor, portanto as crianças poderiam potencialmente ter a chance de ver as aves sobre as quais estavam aprendendo mais.

Mais vilas foram inicialmente consideradas na campanha, mas no final as evitamos porque os locais não estavam receptivos em receber visitantes patrocinados pelo governo – a BKSDA havia recentemente prendido alguns residentes pela caça e tráfico de veados.

Ensinando mentes jovens e curiosas

Sessenta e duas crianças entusiasmadas da escola primária de Limung participaram de palestras interativas sobre a história natural e necessidade de conservação da cacatua, juntamente ministradas por nós e pela BJSDA. Deixamos os professores com os guias de identificação, cadernos e binóculos para encorajar mais o seu interesse na observação de aves e conservação.

Em Marente falamos com os estudantes da Universidade de Samawa, estudantes de colegial e primário, povos locais no vilarejo, e com a comunidade de escoteiros.

Incluídos nas atividades estava uma sessão de plantio de árvores, que foi patrocinada pela sociedade de biodiversidade de Sumbawa (OASE).

Na Ilha Moyo, treinamos diversos locais com vontade de se tornarem guias de observadores de aves e guardas. Em uma sessão tivemos o resultado de que os locais orgulhosamente observaram 16 cacatuas nas árvores circundando Kokar Turu. Através da participação ativa, as pessoas de Moyo e Sumbawa estão aprendendo que a sua linda ave – a Cacatua de crista amarela – é uma prioridade de conservação, e que eles podem tomar parte na sua proteção, se beneficiando disso e as apreciando.

Se concentrando na colaboração com os povos locais e ONGs pode-se ajudar a que a Ilha Moyo se torne um santuário seguro para as cacatuas de modo a começar a reconstruir as suas populações. Apoiando a educação continuada e outras atividades tais como turismo para observar aves, pesquisas, e patrulhas anti-tráfico pode fazer muito para auxiliar as cacatuas, e as pessoas também.

Esse projeto foi possível pelo Fundo para Conservação Mabel Dorn Reeder no Zoo de Atlanta e apoio do World Parrot Trust.

Citação:

“Chegar até Sumbawa foi um desafio – Os aeroportos de Bali e Lombok estavam fechados devido a que o Monte Agung, na ilha de Bali estava em erupção violenta. Portanto eu peguei a minha moto, utilizando a balsa para chegar de Bali até Lombok e de lá até Sumbawa. Levou um dia inteiro e uma noite para chegar lá.” – Oka.

Legendas:

Cacatuas de crista amarela observadas durante uma busca em Kokar Turu.

Fotos acima: Oka interage com crianças para proteger e apreciar as cacatuas.

Páginas Pet

Determinando antecedentes

Uma abordagem positiva para solucionar problemas de comportamento
Escrito por Lisa Desatnik, CPDT-KA, CPBC

Por mais de 18 anos eu compartilhei o meu lar com um mastigador voraz chamado Chester. Ele era um companheiro adorável que me acompanhava para visitar adultos em um asilo, me auxiliou a ser mentora de uma jovem garota necessitando de um modelo positivo para seguir e me fazia rir – bastante.

Exceto quando foi a vez de que ouvi do meu apartamento um barulho de algo mastigado vindo da minha sala de jantar e rapidamente eu derrubei o telefone para correr e

encontrar um grande buraco em uma das minhas cadeiras da sala...próximo de onde Chester estava parado.

Com certeza estava furiosa. Mas quando fui honesta comigo mesma, sabia que a culpa era minha. Afinal, eu frequentemente deixava a porta de sua gaiola aberta quando estava lá, e ele era simplesmente um Ringneck que estava procurando algo para fazer, e algo para mastigar.

Ele tinha essa necessidade muito forte, e do seu ponto de vista, aquela cadeira parecia uma boa opção. Então frequentemente nós trazemos animais em nossos lares e ficamos frustrados com eles quando fazem coisas que não gostamos. Nós devemos nos aperceber, no entanto, que eles também têm necessidades assim como nós. Se não dermos a eles escolhas adequadas para que tenham as suas necessidades satisfeitas, então eles irão vir com as suas próprias ideias...e algumas que não poderemos gostar.

Determinando antecedentes vêm em nosso auxílio

Felizmente para mim, comecei a aprender com a Dra. Susan Friedman sobre a Análise Aplicada de Comportamento, uma abordagem sistemática para solucionar problemas de comportamento ao se modificar o ambiente no qual o comportamento ocorre, ao invés de se concentrar em modificar o animal. Ela envolve buscar o comportamento específico e o contexto ambiental relacionado que o circunda.

Nós perguntamos, “O que aconteceu imediatamente antes do comportamento para que esse ocorra (o antecedente) e o que ocorreu imediatamente após o comportamento (consequência) para reforçar ou punir este.

Existem muitas circunstâncias onde se concentrar no antecedente por si só pode resolver os problemas de comportamento. Isso com certeza funcionou no meu caso. Quando eu comprei a minha casa (e um novo jogo de jantar), estava determinada em obter um sucesso de modo a evitar uma repetição de ter a minha mobília destruída.

O que eu fiz? No meu caso com Chester, os antecedentes era a sua proximidade à mobília, sua porta da gaiola aberta, e sua falta de escolhas apropriadas para mastigar em sua gaiola. Fiz uma série de coisas. Não queria manter a sua porta fechada, então me concentrei na sua gaiola e em proporcionar oportunidades de distrações (enriquecimento ambiental).

Eu transformei um dos meus quartos em um quarto para aves (eu tinha duas outras aves que ainda estão comigo, e também forneci muitas opções de enriquecimento). Para diminuir a motivação dele em mastigar os móveis, todos os dias dava para ele MUITAS opções para mastigar dentro e ao redor de sua gaiola.

Ele tinha agendas telefônicas enroladas, caixas de papelão, pedaços de madeira, vegetais pendurados em palitos e mais. Para os momentos em que ele ia para o chão (ou eu o punha no chão sob supervisão), eu fazia locais de brincadeiras para ele.

Chester adorava um brinquedo para bebês que encontrei que é um espelho sob rodas e portanto dei para ele diversos desses e pendurava contas (que ele também adorava) e

outras coisas para manter o seu interesse. Chester tinha tanto para manter o seu interesse na sua gaiola que ele raramente saía, mas nessas circunstâncias onde ele ia eventualmente se aventurar, imediatamente buscava um dos locais de brincadeira.

O seu comportamento de mastigar móveis (e destruir a minha casa) foi eliminado com sucesso sem necessidade para se utilizar reforços negativos. E sua vida foi enriquecida no processo.

Quando Chester faleceu nos meus braços, minha perda foi traumática. Ele me ensinou tanto sobre comportamento. Uma das lições foi a importância de parar de culpar e buscar por soluções positivas mais adequadas para problemas de comportamento. Algumas das soluções são simplesmente readequar o ambiente para fazer o comportamento que se objetiva se manifestar mais fácil e como a melhor escolha para o animal.

Legenda:

Extrema esquerda e acima: Chester, o companheiro da autora por muitos anos, faz uma pausa para considerar a diversidade de opções para brincar.

Sobre a autora

Lisa Desatnik, CPDT-KA, CPBC, é uma consultora certificada em comportamento através da Associação de Consultores de Comportamento Animal, ensinando as estratégias mais positivas e humanas para se prevenir e solucionar problemas de comportamento de animais de estimação.

Siga o seu blog sobre comportamento no seu site: www.SoMuchPETential.com.

Voando pelos céus uma vez mais

Artigo por: Patricia Escalante, Areli Arias, Diana Cortés e Esteban Cortéz

“Quando você vinha até a selva de Catemaco era uma exuberância, e os mais notórios animais eram macacos e araras que passavam cruzando seu caminho em todos os lugares”, lembrava O Sr. William Schaldach Jr., um residente naturalista de Catemaco que, por mais de 50 anos, tem documentado as aves de Los Tuxtlas, com uma lista de 565 espécies entre os residentes, aqueles que passam o inverno, migratórios e acidentais.

“O último relato da Arara piranga (*Ara macao cyanoptera*) na reserva de Los Tuxtlas foi em 1975”, conta Félix Aguilar-Ortiz, biólogo e guia de ecoturismo em Dos Amates, uma pequena vila 13km ao norte de Catemaco.

A captura para o comércio de aves de estimação e destruição do habitat causaram a extinção da população original dessas coloridas e inteligentes aves. De 1975 a 2014 não foram vistas novamente, até que o projeto de reintrodução as fez retornar.

Desde 1998, Los Tuxtlas é uma reserva ecológica com nível federal de proteção.

Dentro dela existem locais protegidos de maneira privada, tais como a reserva ecológica Nanciyaga nas margens do Lago Catemaco. Essa floresta tropical de 10 hectares, em somatória com as terras de um vizinho formam uma faixa contínua de 45 hectares de floresta que é apoiada pelo ecoturismo e onde o projeto de reintrodução está localizado.

Em 2014 começamos as transferências das araras nascidas em cativeiro. Agora temos três locais onde fazemos a soltura branda: La Otra Opción, Reserva Ejidal Benito Juárez, and Nanciyaga.

No total, sete grupos entre 24 a 29 araras cada foram trazidos, e seis grupos foram soltos. Nanciyaga foi fundada em 1986, e ali construímos nosso aviário pré-soltura e construções relacionadas em 2014.

Somos acordados todos os dias por um coro da floresta: diversos tipos de aves, bugios e, claro, araras. Então as atividades da manhã começam: lavar os comedouros e bebedouros dos aviários e as estações de alimentação externas que tanto as aves recém liberadas e as anteriormente soltas ainda usam, e preparar o alimento e fornecer esse para as aves.

Durante o dia, nós observamos as interações entre as aves já selvagens e as novas que estão nos recintos, trazemos para elas galhos para enriquecimento ambiental, e proporcionamos frutos selvagens que irão precisar reconhecer uma vez que estejam soltas.

Os comportamentos das araras são registrados para manter um histórico de tanto interações positivas como negativas, utilizando marcações nos bicos para identificar aves específicas. O monitoramento tem se mostrado vital mais de uma vez – uma das araras se tornou agressiva em relação a outras aves, machucando uma fêmea no processo. Tivemos que separar a ave machucada por um tempo para permitir que se curasse antes que possa ser solta.

Em Abril de 2018, contamos com 189 araras foram transferidas, das quais soltamos 162 com uma taxa de sobrevivência de 81%.

Felizmente desde a primeira soltura, comportamentos reprodutivos tem sido observados: as aves entraram em caixas-ninho que proporcionamos e foram observadas copulando.

Elas também produziram vos, mas ainda não sabemos se estão incubando ou se tiveram sucesso em criar filhotes. Iremos continuar a colocar ninhos para apoiá-las nessas atividades.

Como ocorre em qualquer projeto, são as histórias individuais que destacam as aventuras dos participantes.

Ray voando

Ray pertence ao sexto grupo de araras que chegaram. Alguns meses atrás era o dia da sua soltura, o dia de conhecer a floresta e a alegria da liberdade.

No entanto Ray tinha um problema: Ela estava hesitante, até mesmo com medo de voar.

A maior parte dos seus companheiros voou sem muita dificuldade para as estações de alimento no exterior mas ela não conseguia, e ao invés disso vocalizava para seus companheiros. Tentamos diversas opções para deixá-la interessada em voar, todas sem sucesso.

Então fizemos um pequeno teste para ela superar: em uma plataforma de alimentação em uma árvore próximo do recinto, colocamos um bambu horizontal com o qual ela podia alcançar o seu café-da-manhã diário. Mas esse ficava ainda a um metro de seu prêmio, e ela precisava descobrir o que fazer.

Na primeira vez que ela andou pelo bambu e chegou até a ponta, virou a cabeça diversas vezes tal como examinando a situação, bateu suas asas como se estivesse se preparando para voar e parou. Naquele dia ficou sem seu café-da-manhã.

No dia seguinte ela andou pelo bambu, foi até a ponta e.. fez o seu primeiro voo. Ficamos entusiasmados! Ela aperfeiçoou as suas habilidades dia após dia até que o bambu caiu.

A ponte que permitiu ela superar alguns dos seus medos não estava mais lá e portanto ficou preocupada novamente, buscando uma maneira de chegar até a plataforma através dos galhos de árvores mais próximo. Nada parecia estar próximo o suficiente.

Então, na manhã seguinte uma coisa inesperada aconteceu. Do alto do aviário ela abriu as asas, decidiu não perder nenhum café-da-manhã e corajosamente voou até a plataforma de alimentação! Foi um lindo voo, com somente alguns problemas evitando alguns arbustos. Ela pousou na plataforma e comeu com grande alegria, seus esforços e determinação estavam finalmente sendo recompensados.

Agora Ray voa do teto até a plataforma, onde ela come tudo o que quer e então voa novamente de volta ao aviário. Algumas vezes ela vai e volta, como se estivesse treinando para ficar melhor, aperfeiçoando o seu voo, e voar ainda mais. Ray está aproveitando o voo que até pouco tempo causava medo e está sentindo o ar da liberdade tocando as suas asas.

Ray ainda tem desafios pela frente. Ela precisava de coragem para voar longe do recinto, explorar a floresta e voar sobre as árvores junto com seus companheiros, que a cada amanhecer abrem as suas asas em celebração da liberdade em seu novo lar.

Em adição ao trabalho e histórias das aves, o envolvimento e educação da população humana local é vital para nosso sucesso com o projeto de soltura.

Nossa equipe tem tido um forte comprometimento nessa área, tanto em escolas em todos os níveis como nas reuniões comunitárias, e como resultado o projeto tem sido bem-vindo com o passar do tempo. A rede turística (hoteleiros, restaurantes, artesãos, guias, pescadores e barqueiros) também são encorajados pelo nosso progresso.

Esperamos que os visitantes nessa área irão aproveitar ver as aves e então contar aos seus amigos sobre a experiência, que irá beneficiar o setor turístico e a economia da

comunidade regional como um todo. E o que é mais importante, talvez isso nos ajude a proteger essas maravilhosas araras.

ECOTURISMO

Viagens responsáveis apoiando a conservação

Fotos e anotações da viagem por © Corey Raffel

O ecoturismo tem evoluído desde as décadas quando foi primeiramente criado – tem unido a conservação, comunidades e viagens sustentáveis para o benefício de pessoas e animais ao redor do mundo. Se modificou de ser sem regulamentação e de algum modo imprevisível, até, felizmente devido à mudanças de atitude, uma abordagem genuína e bem-sucedida para ajudar a salvar a vida selvagem e a natureza.

O World Parrot Trust apoia o ecoturismo responsável como uma maneira viável de ajudar a proteger tanto o habitat dos psitacídeos como populações. O Wpt tem um número de auxiliares que estão envolvidos em apoiar essas atividades em cada país, tanto pelo valor da conservação como pela chance de observar psitacídeos selvagens.

Anotações de viagem - Brasil:

Uma viagem recente ao Brasil foi organizada por Steve Brookes do Wild Parrots Up Close com o objetivo de observar araras de lear (*Anodorhynchus leari*), e araras azuis (*Anodorhynchus hyacinthinus*).

Felizmente as Araras azuis foram muito mais tolerantes à nossa presença do que as lears. Frequentemente pudemos chegar bem perto e observar as suas atividades por largos períodos de tempo.

Reuniões nos barrancos de argila

Uma viagem em separado nos levou até a Pousada Sani, na Amazônia Equatorriense. Foi um ótimo lugar para visitar, já que é feita pelos povos locais Sani Kichwas e é muito ambientalmente sustentável. Papagaios moleiros do norte, Araras piranga, *Pyrrhura* e *Brotogeris* podem ser vista nos barreiros de argila próximos. Os barreiros na Pousada incluíram aqueles que possuíam mais Papagaios moleiros e com uma “goteira” onde a água desce de um buraco na parte debaixo do despenhadeiro.

As duas grandes atrações das pousadas em que ficamos foram os barreiros e as torres de observação. A torre em Sani oferecia vistas dos papagaios voando, sempre ao longe e frequentemente na luz do amanhecer. A torre no Cristalino ofereceu vistas de *Pyrrhura peralta*, Marianinhas, Araras Canindé, vermelha e piranga.

Outras pousadas com grandes barreiros incluíam Tambopata e Centreo de Vida Selvagem do Rio Heath ambas no Peru.

Legendas:

“Araras de lear descansam no sol do meio-dia. Elas tinham muito medo de nossa aproximação; essa foto foi tirada de alguma distância.”

“As araras azuis foram muito mais tolerantes à nossa presença e frequentemente podíamos chegar bem perto”.

Araras piranga (*Ara macao*) bebem água rica em minerais em um barreiro.

Uma solitária *Pyrrhuloxia sibilatrix* entre um bando de *Brotogeris cyanoptera*.

Psittacara leucophthalma em voo.

Eupsittula cactorum aproveitando os frutos locais.

Notícias

Um parque no Sul da Austrália irá ter um jardim para alimentação de cacatuas

© Georgina Steytler

A equipe de serviços ambientais na cidade de Cockburn, Sul da Austrália, está criando uma área reflorestada dedicada para a produção dos alimentos favoritos da Cacatua Carnaby (*Calyptorhynchus latirostris*).

O jardim será plantado no Parque Goodwill em Atwell, na vizinhança de Cockburn, e irá possuir variedades das árvores Banksia, Hakea e Callistemon por baixo do dossel de árvores maiores. Seguindo-se a essas, diversas árvores adultas de macadâmia, pecã e Tipuana serão plantadas.

O parque já contém pinheiros maduros dos quais as cacatuas se alimentam, e as árvores adicionadas irão atrair mais vida selvagem. As autoridades esperam que os residentes locais fiquem inspirados a plantar essas espécies nos seus próprios jardins suburbanos.

Leia mais: tinyurl.com/yavsuvd8

Comércio de aves se concentra nas espécies da Indonésia

Numa operação em conjunto, centenas de animais ameaçados da Indonésia foram descobertos em 12 de março escondidos em uma casa filipina.

Mais de 300 aves e mamíferos, a maior parte dos quais eram destinados para o comércio de animais de estimação. Acredita-se que tenham vindo da ilha da Nova Guiné (província Papua da Indonésia e Nova Guiné). Um dos quatro homens presos na operação tinha histórico de posse ilegal e comércio de vida selvagem.

Entre os animais apreendidos estavam Cacatuas (*Cacatua galerita triton*, *Cacatua moluccensis*, *Probosciger aterrimus*), e outros psitacídeos tais como Lóris (*Lorius lory*), e papagaios do figo (*Psittaculirostris desmarestii*).

Leia mais: tinyurl.com/y8submz2

A tragédia do único psitacídeo endêmico dos EUA, extinto há 100 anos.

Exatamente cem anos atrás nesse último Fevereiro, o último Periquito (*Conuropsis carolinensis*) em cativeiro morreu em um Zoo em Cincinnati.

Os cientistas não estão totalmente certos do que extinguiu a espécie, mas pesquisas recentes utilizando relatos escritos e taxidermia em museus tem ajudado um grupo de cientistas a descobrir que a área de distribuição era muito menor do que previamente se pensava, e como estudos sobre extinções podem apoiar ações de conservação no presente.

Leia mais: tinyurl.com/y9dxukm5

Psitacídeos na natureza: Arara-piranga (*Ara macao*)

Uma arara piranga bebe em uma goteira de um barreiro na pousada ecológica Sani, no Equador. Os seus números estão em declínio devido à destruição do habitat e forte captura: existem entre 20.000 e 50.000 indivíduos remanescentes na natureza.

Foto © Corey Raffel